

A transgeracionalidade e a transmissão psíquica

Transgenerationality and psychic transmission

*Regina Celi Bastos Lima **

Resumo: Neste artigo darei relevância a um elemento importante na transmissão psíquica para a constituição do ser humano. Esta questão está presente na clínica. A partir de um universo ontológico o sujeito buscará sempre seu registro singular.

Palavras-chave: Transmissão psíquica. Constituição do ser. Transgeracionalidade.

Abstract: *In this article I will give relevance to an important element of the psychic transmission in the constitution of the human being - transgenerationality. This issue is presented in the clinic. From an ontological universe, people will always seek its single psychic record.*

Keywords: *Psychic transmission. Constitution of the human being. Transgenerationality.*

* Psicanalista, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ).

Ao longo do tempo, o estatuto do bebê foi se transformando e ganhando um lugar onde passou a suscitar múltiplos olhares. Passou a despertar interesses interdisciplinares e múltiplos deslocamentos no campo do humano. Estamos atualmente num período de grandes transformações no mundo, na nossa cultura, na sociedade e nas novas famílias. Coloquei a relação dessas mudanças numa ordem que geralmente não faria, talvez, já tomada pela importância do tema que abrange a origem do humano, a relevância histórica de sua singularidade e sua inserção no coletivo – a transgeracionalidade e a transmissão psíquica.

Voltamos ao bebê! No início da vida o seu corpo é soberano. Atravessou a história e permanece o mesmo – ele fala! Mas tudo vai depender de quem o estará recebendo, para acompanhá-lo na criação e descoberta de sua morada na vida. Um anfitrião que se disponha a abraçar a dimensão do sensível e, no “coração desse encontro compreender os efeitos vivos da produção de sentido” (AB’SÁBER, *apud* SAFRA, 2004).

As raízes desse encontro acontecem no útero da mãe. A alteridade em potencial espera para se pronunciar e acontecer. Mãe e bebê, unidos psiquicamente pelo corpo, vivenciarão no tempo e espaço diferentes experiências e, aos cuidados da mãe, vislumbrarão a existência do bebê no mundo. Estão em conexão. O bebê não tem conhecimento de como acontece essa experiência de ser carregado pelo outro (mãe) no útero e de ser atendido em todas as suas necessidades fisiológicas, biológicas e psicológicas.

Nasceu! No berço do bebê, além dos pais, outras mãos estarão presentificando seus ancestrais e aqueles com quem irá compartilhar sua existência. Entre o singular e o múltiplo o bebê tem um desafio: escrever o ineditismo de sua história, alcançar seu registro psíquico num horizonte ontológico, revelando dessa forma sua condição humana.

Nesse momento, refletindo sobre essas questões do acontecer humano, ecoaram em mim pensamentos de grandes teóricos-clínicos atuais como Gilberto Safra, Victor Guerra e Thales Ab’Saber. Apresento um pensamento de Safra que sustenta uma oposição da concepção de indivíduo que leva frequentemente a uma compreensão do ser humano como ontologicamente isolado, muito distante da percepção sensível, que nós, cuidadores, desenvolvemos ao olhar uma mãe com seu bebê, em união, reeditando, sem se dar conta, em muitos aspectos, a sua própria história:

Compreender o ser humano como a singularização da vida de muitos implica dizer que cada ser humano é a singularização da

vida de seus ancestrais e é o pensamento daqueles que virão. Esse pensamento acompanha nossa compreensão do berço à vida adulta e até à morte (SAFRA, 2004).

Acreditamos ser impossível o viver humano sem o enraizamento no outro, na cultura, na terra, nas coisas. Existe uma interdependência profunda entre esses entes.

Com essa ideia e voltando ao tema do cuidado – da ética e da estética nos primórdios da vida psíquica – uma compreensão do Victor Guerra faz todo o sentido: “uma ética do cuidado implica o cuidado do cuidador, isto é, a contenção do ‘complexo arcaico’” no cuidador, o que significa estabelecer condições para a possibilidade de gerar uma estética da subjetivação. A estética é um tipo de conhecimento global sincrético, sensorial e rítmico que predomina na primeira infância e que vai sendo ocultado pelo pensamento analítico diferenciador, predominante no adulto, ficando o primeiro a serviço da criatividade. Essa estética inicial, não racional, pode continuar no sujeito como gérmen de criatividade por toda sua vida. Articulando o enraizamento, destacado acima, Victor Guerra cita o poeta Ferreira Gullar:

Antes da filosofia e da ciência, o homem via o mundo conforme sua fantasia: as árvores, as pedras, os rios tinham alma, olhos e pensamento. Essa visão mágica do real foi sendo afugentada à medida que se desenvolviam as explicações racionais, refugiou-se nas culturas indígenas, sobreviventes nas crianças e nos artistas (GUERRA, 2013).

No momento inicial do encontro mãe/bebê fora do útero, no lugar da experiência de satisfação instintual (fato que está implícito), darei relevância à mãe-ambiente que atende as necessidades do bebê oriundas do seu próprio existir. Nesse momento de dependência absoluta as experiências vividas estão totalmente à mercê de um estado especial que a mãe alcança. Um estado de sensibilidade exacerbada, quase uma doença, que Winnicott chamou de Preocupação Materna Primária. A mulher deve ter saúde suficiente tanto para desenvolver esse estado quanto para recuperar-se dele à medida que o bebê a libere. Esse estado fragiliza as defesas, e elementos arcaicos inconscientes de sua história são acessados e muitas mães se encontram com o bebê que foram e apresentam comportamentos ambíguos ao cuidar do seu bebê – comportamentos estranhos para ela mesma. Se o bebê morre, o estado da mãe repenti-

namente pode revelar uma doença psiquiátrica. A mãe corre esse risco. A mãe que contrai a “doença normal” desenvolve uma adaptação sensível e delicada às necessidades do bebê antes, durante e depois de nascer. Desta forma, acolhe o bebê com um cuidado ético se identificando com ele favorecendo também uma experiência de vida de qualidade estética.

A mãe no seu papel ontológico cria um ambiente de confiabilidade absoluta e com sua “presença com reservas”, sem ruídos, coloca o bebê na condição de estar vivo para viver a experiência de solidão essencial. A partir daí, desse lugar fundamental, constituído e constituinte do núcleo originário, inviolável, algo se anima e se orienta na busca de um outro, para além de si. Nesse encontro vemos uma mãe viva, sensível, identificada com seu bebê e um bebê com crescente tensão, preparando-se para encontrar algo em algum lugar. No momento certo, a mãe oferece o seio e, então, um relacionamento excitado se inicia, amparado num fundo de tranquilidade criado pela mãe. Aqui o bebê tem a ilusão de que o seio, e aquilo que o seio significa, foi criado pelo impulso originado na sua necessidade. Vive a experiência de onipotência. Funda-se um ser. A continuidade de ser significa saúde. Henrique Honigsztein reforça essa ideia dizendo:

Enraizado em sua mãe, pela presença em si da vivência de tê-la criado, vai pelo mundo com seu impulso à integração não oprimido, não projetado e isso o conectará com o que é seu e com o mundo do qual se aproximará com a confiança de quem sente uma relação íntima com os homens e a natureza (2008, p. 91).

Naturalmente, uma comunicação se avizinha. As experiências vividas estão pautadas por uma linguagem rítmica do corpo do bebê, por uma narrativa sensorial e pelo ritmo corporal da mãe. Numa dança harmoniosa vivem a mutualidade. Nessa intimidade surge a capacidade do bebê de captar os diferentes tons emocionais assim como uma sensibilidade à presença de cheiros, sons, cores, formas que se tornarão parte do ambiente sustentador. O objeto subjetivo se instala, fenômeno emblemático da união mãe-bebê que lhe possibilita viver a ilusão de conceber o mundo como sua morada e, portanto, poder habitá-lo. A abertura para a transicionalidade torna-se possível. O bebê toma posse de um objeto transicional que tem a característica de, simultaneamente, ser e não ser a mãe, referindo-se à ausência, mas insistindo na presença permitindo compensar a separação da mãe.

Jurandir Costa destaca de Winnicott mais dois elementos fundamentais no bebê: a agressividade e a criatividade. A agressividade é a propriedade do

corpo que corresponde à manifestação da própria vida biológica. A criança, por meio dela, se apropria dos objetos do mundo, a princípio sem poder avaliar as consequências da apropriação. A imaginação criativa ou “criatividade primária” é a capacidade psíquica que permite ao recém-nascido e à criança dar sentido ao universo de suas experiências (COSTA, 2007).

No início da constituição do psiquismo, a vitalidade dos tecidos se expressa pela força vital subjacente a esses dois elementos, que torna possível o movimento para a vida. A criatividade e a agressividade (que no início é motilidade), embora sejam inatas, precisam do suporte dos cuidados maternos para se realizarem e fortalecerem a experiência de “continuidade de ser” no bebê.

O estabelecimento do ser e a continuidade de sua existência, no tempo e no espaço, de forma única, singular e criativa são sustentados pela mãe que, atenta às necessidades de cada situação de dependência, possibilita a travessia do humano. Trata-se, como vemos, de um caminhar atravessado por elementos multifatoriais como: o fator biológico, o sócio-cultural e – o que quero destacar neste trabalho – o transgeracional na transmissão psíquica do ser humano.

E quando esses processos de transmissão psíquica, sintetizados acima, são interrompidos ou dificultados por desencontros, dissonâncias, descontinuidades precoces, cisões e rupturas?

Vou me deter nos meandros da transmissão psíquica intergeracional e transgeracional. Trabalhando na clínica com bebês, crianças ou com pais/bebês, nos confrontamos pelo menos com duas gerações onde observamos as tensões entre as dimensões do intrapsíquico e do intersubjetivo quando acolhemos os cuidadores: mãe, pais, avós e babás. Uma compreensão se faz necessária: “A criança nasce afetada pela história dos ancestrais, pelo encontro com os contemporâneos, impulsionada em direção àqueles que virão, sendo necessário inserir-se historicamente e desvelar as coordenadas da sua história genealógica” (SAFRA, 2004).

Em Freud encontramos textos teóricos que apresentam elementos de uma herança na construção psíquica individual e coletiva. Destaco os textos sobre os povos primitivos, como *Totem e tabu* (1912) e *Moisés e o monoteísmo* (1939) e textos onde se vislumbra o outro: *Introdução ao narcisismo* (2014), *Psicologia das massas e análise do eu* (1920) e *O eu e o id* (1923). Esses são textos de base para pensarmos e expandirmos na era pós-freudiana a compreensão sobre a transgeracionalidade e a transmissão psíquica.

Resumi dois possíveis estudos de casos, mesmo que de maneira fragmentária, para discutirmos a transgeracionalidade e a transmissão psíquica. O pri-

meiro é uma situação real sobre a trágica existência de um homem, nos Estados Unidos, que nas décadas de 1980 e 1990 ficou conhecido como Unabomber. O segundo, retirado do filme – *O Insulto*, que coloca em foco a genealogia da cultura onde encontramos elementos antropológicos, sociológicos e psicológicos. O filme “atravessa fronteiras para se refugiar no coração da natureza humana”. Tentarei levantar hipóteses teórico-clínicas e diagnósticas, mas considerando que nos falta o essencial: o contato direto com as pessoas, com o ambiente e a compreensão que surge através dos fenômenos da transferência.

UNABOMBER

Theodore Kaczynski ficou conhecido como Unabomber (nome dado pelo FBI). Praticou atentados terroristas. Foi condenado à prisão perpétua aos 53 anos por uma série de atentados à bomba matando três pessoas e ferindo outras 23. No julgamento, Unabomber abominou que a defesa tivesse usado a alegação de distúrbio mental para livrá-lo da cadeia elétrica. Confessou-se culpado. Não queria que seus atos ficassem invalidados por ele ter sido considerado insano (esquizofrenia paranoide). Enviava pelo correio, esporadicamente, bombas fabricadas por ele artesanalmente. Seu alvo eram indivíduos representantes da sociedade técnico-industrial. Frequentemente enviava os pacotes com cartas e mensagens “As pessoas que visamos são os engenheiros e os cientistas que trabalham nos setores de ponta como a genética e a informática” (DIAS, 2011).

Escreveu um manifesto intitulado: *Freedom Club: o futuro da sociedade industrial*. A questão central do manifesto era a proposta de pôr fim à sociedade técnico-industrial, devido ao malefício que ela provoca, em termos da desumanização paulatina e da liberdade humana. Havia a necessidade de destruir esse estado de coisas e começar tudo de novo, dando início a uma nova civilização que preservasse a natureza do homem e do meio ambiente. Declara ter sido obrigado aos atos de violência, se não, teriam ignorado seu manifesto.

Alguns dados biográficos importantes: Theodore Kaczynski nasceu em Chicago e passou sua infância num bairro de operários. Primeiro filho de um casal de imigrantes poloneses de classe média baixa. David, seu irmão, nasceu sete anos depois. Esse elemento aponta para uma fratura étnica vivida pelos seus pais – o desenraizamento étnico que frequentemente impede o ser humano de se sentir pertencendo, de encontrar seus iguais. Vivem a perda da cone-

xão com os elementos sensoriais e culturais que os remetem à memória de sua origem. Os pais, sobretudo a mãe, eram engajados muito ativos na comunidade com interesses culturais e participação política, com opiniões de “esquerda”, sendo descrita como extremamente ativa e ambiciosa, com pretensões a subir na escala social, não tanto por recursos materiais, mas pelo status que advém da *performance* intelectual.

Um episódio marcante e traumático da infância de Theodore foi relatado pela mãe. Entre 6 e os 9 meses ele teve uma internação devida a uma forte reação alérgica a um medicamento. A mãe não pôde permanecer no hospital e a estadia de Ted prolongou-se em demasia. Encontrou-se uma foto no arquivo do hospital. Ted mostrava uma fisionomia de terror (segundo Spitz, elemento do “hospitalismo” – dificuldade de se adaptar ao meio; mutismo; autismo). De volta à casa a mãe relata que o bebê havia se tornado profundamente retraído, assustado e sem resposta a qualquer iniciativa de interação, manifestando extremo pavor a qualquer afastamento dela. “O bebê voltou do hospital saudável, mas não responde a nada após essa experiência. Essa ausência de resposta cresceu como um câncer que consumiu a mente do meu filho” (DIAS, 2011).

Theodore cresceu retraído, isolado, sem amigos. Outra característica marcou a sua vida – sua notável inteligência. Este aspecto, acredito, participou de maneira intensa no tipo de distúrbio que o caracterizou. Aos seis anos um teste de QI na escola acusou um grau de 170. Disseram à família que eles tinham um gênio. A superdotação se destacava no pensamento abstrato, mais precisamente na matemática. Para Winnicott, o QI alto de uma criança pode mostrar-se ainda mais alto por trabalhar em regime de sobrecarga derivado da necessidade de evitar invasões. Kaczynski tornou-se altamente especializado e competente, mas se perdeu de si e não chegou a constituir um “eu” como uma plataforma a partir da qual viver. Devido a sua alta *performance* intelectual, no final da quinta série a escola o fez saltar para a sétima série. O pouco de familiaridade que tinha na turma lhe foi tirada. Só tinham olhos para sua inteligência – a sua personalidade não importava. Daí para a frente não teve mais nenhum relacionamento – sem amigos, sem brincar. No manifesto:

Um dos principais meios de que a coletividade se serve para socializar as crianças consiste em fazê-las sentir vergonha quando falam ou agem contra as expectativas da sociedade. Quando esse método é aplicado de maneira muito sistemática, ou quando uma dada criança é predisposta a desenvolver tais sentimentos, ela acaba por sentir vergonha de si-mesma (KACZYNSKI, 1995).

Kaczynski insistiu muitas vezes nas entrevistas, na autobiografia e em seus depoimentos, no fato de ter sofrido o que chamou de “extremo abuso verbal e emocional” por parte dos pais, chegando à humilhação psicológica e emocional. Sua mãe (todas as informações indicavam) era pouco complacente com a dependência infantil e decidida a fazer render ao máximo a superdotação do filho. Pôs-se a educá-lo intelectualmente, sem muita consideração pela sua maturidade emocional, vendo em seu retraimento, uma esquisitice a ser superada com o tempo. Tendo ele seis anos ela o levava a museus e lia quase diariamente para ele, a revista *Scientific American* e cobrava obediência e uma *performance* consonante com o seu QI. A mente de Kaczynski foi precocemente ativada, em descompasso com sua maturidade, e gerou uma cisão de tipo “*Split-off intelect*” característica central da esquizofrenia latente.

Segundo sua mãe, e para surpresa dela, Kaczynski podia sair repentinamente de seu retraimento e ir a uma raiva extrema sobre eventos relativamente sem importância. Foi nesse período que começou a ter ideias de levar uma vida primitiva, fantasiando-se de um agitador que podia levar multidões ao frenesi de uma violência revolucionária. Suas dificuldades pessoais se complicavam. Não conseguia ter amigos e nenhuma garota olhava para ele. Sua excitação era intensa e participava de seus momentos de furiosa frustração, pois se via incapaz de obter qualquer alívio sexual.

Mais uma vez, pulando série, Kaczynski chegou a Harvard (dos 16 aos 20 anos). Seu quarto em Harvard era algo indescritível em termos de desorganização e sujeira chegando a cheirar muito mal. Essa situação foi, mais tarde, recriada na cabana em Montana onde se refugiou depois que largou de dar aulas na universidade já como doutor aos 26 anos. Em Montana construiu uma barraca lotada de quinquilharias, sem água, luz ou esgoto. Nessa cabana ele escrevia seus artigos e fabricava as bombas e permaneceu lá até ser preso. A miserabilidade era a sua única realidade.

Analisando o momento em que Unabomber foi preso, o editor francês do Manifesto, Jean Marie Apostolidès (1996) expressou: “Sua fisionomia transparcia um certo alívio. Tal como no caso da paranoia no qual uma perseguição real traz algum alívio para a perseguição interna, também Kaczynski, por finalmente ter que se render a uma prisão, pode ter sentido um cerceamento real e objetivo do que seria a sua liberdade, para não ter, o tempo todo, que se defrontar com sua falta pessoal de liberdade e com a permanente ameaça de desintegração e aniquilamento. Reafirma Kaczynski

“Temos que fazer um balanço entre luta e a morte contra a perda de liberdade e dignidade. Para muitos de nós, a liberdade e a dignidade importam mais do que viver longamente ou evitar o sofrimento físico. Ademais, como devemos todos morrer um dia, pode ser melhor morrer lutando pela sobrevivência ou por uma causa do que levar uma existência longa, mas vazia e sem sentido (1995).



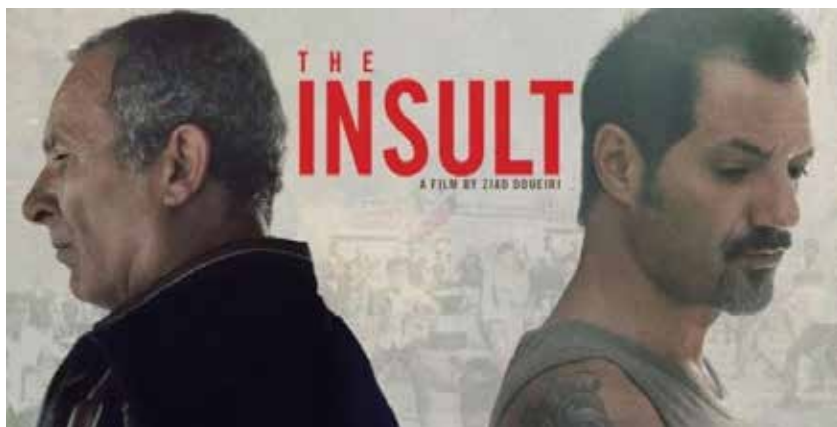
O INSULTO

O filme trata de um conflito que surge em Beirute, no Líbano, numa região de tradições fortes e considerada especialmente tensa: o Oriente Médio. O longa-metragem mostra como uma faísca pode se converter em um incêndio. A faísca era uma calha numa varanda. Tony Hanna (Adel Karan) é um cristão fervoroso libanês. Sem instalar um cano adequado, molha acidentalmente o palestino refugiado Yasser Abdallah Salameh (Kamel El Basha) engenheiro responsável por uma obra na rua de Tony; Yasser tenta convencer Tony a instalar o aparato. Os massacres de cristãos em Damour (1976) cidade no litoral sul do Líbano, e o de palestinos nos campos de refugiados de Sabra e Chatila (1982), no oeste de Beirute, estão na raiz do antagonismo que aflora em um incidente aparentemente banal. Porém, o que a princípio, parece se restringir a um desentendimento pessoal evolui até abarcar o contexto amplo no qual o choque entre o mecânico libanês Tony e Yasser, refugiado palestino encarregado da obra, torna-se a representação de um conflito de âmbito internacional, com ampla cobertura midiática. Lembro aqui Amós Oz para pensar a raiz desse conflito:

não é uma luta do bem contra o mal, é antes uma tragédia no mais antigo e mais preciso sentido da palavra: um choque entre o certo e o certo, um embate entre uma reivindicação muito poderosa, profunda e convincente, e outra muito diferente, mas não menos convincente, não menos poderosa, não menos humana (OZ, 2009).

O Insulto é fiel à tradição dos filmes americanos de tribunal. Incorpora com eficiência os traços identitários do gênero, inclusive a revelação inesperada que acaba aproximando acusador e acusado, ambos pertencentes a grupos que sofreram violências atrozes. No embate de Tony e Yasser não há culpado de um lado e inocente de outro. Os dois são algozes e vítimas ao mesmo tempo. O sofrimento que assolou os dois não passa: permanece como ressentimento. Maria Rita Khel (2011) contribui dizendo: “ressentir-se significa atribuir ao outro a responsabilidade pelo que nos faz sofrer”. Vou trazer também para a reflexão o par “preconceito/ressentimento” como elemento de reflexão nesse tema. Esse par se realiza no afã de sustentar suas integridades narcísicas. Nessa luta empenhada, uma complexidade de afetos se expressa diante do agravo sofrido: ódio, rancor, raiva, inveja, destruição, vingança. Afetos que ressoam no comportamento dos diferentes personagens do filme. O passado que não passa.

Um insulto raramente é apenas um insulto. Pode se transformar numa ferida aberta. Carne viva. Há algo em *O Insulto* que mobiliza muitos humanos. O filme toca em sentimentos compartilhados não apenas pelas pessoas do Oriente Médio. O ressentimento entre os dois personagens expressa dois sentimentos fundamentais no desenrolar do filme – a raiva e o ódio, presentes em



vários *closes*. A doença é não esquecer! No diálogo com Yasser, Tony, como presidente, expressa de forma enfática que o perdão não se oferece a quem não o pede sinceramente.

Deixando o presidente e depois do choque das portas dos carros quando Tony e Yasser querem abrir o carro ao mesmo tempo, o incidente ganha um novo contorno narrativo. O carro de Yasser não consegue dar a partida e Tony volta para exercer o seu ofício de mecânico (simbolicamente eles não suportavam mais aquela situação dramática que a briga por uma calha tinha desencadeado): Tony conserta o carro de Yasser. Nada é pedido. Nada é falado. De algum modo Tony pode oferecer-se num gesto.

Foi esse gesto que liberou o Tony para ir a sua terra natal, onde suas pessoas queridas foram dizimadas por refugiados palestinos, como Yasser. Tony se encontrou com suas lembranças. Elaborando talvez seu luto, reconciliou-se com seu passado. Yasser vai à casa de Tony sob coação de seu chefe para um perdão forçado (fazer as coisas andarem, o governo, o mercado) que terminou por culminar com uma agressão verbal de Tony, prontamente revidada por Yasser com a violência de um soco no estomago, nas vísceras.

Ele depois o agride com palavras e Tony o agride também fisicamente. O esquecimento não é apagar a memória, mas lhe ofertar fatos que estavam eclipsados pelo ódio. Se a calha em função da qual se iniciou o conflito, não é apenas uma calha. O conserto do carro e posteriormente da própria calha, não é apenas um conserto, mas uma forma de perdoar e pedir perdão. Yasser pede perdão e Tony, com dificuldade, perdoa. O perdão é capaz de nos libertar e permitir que o presente não seja apenas a repetição do passado. Se somos vulneráveis ao erro, somos capazes de dar outro significado mais empático e menos acirrado, ao passado. Isso ocorre quando conseguimos selecionar outras lembranças (Tony na sua terra natal) e também elaborar melhor aquelas que não conseguimos esquecer ainda que guardadas apenas nos olhares finais das duas principais personagens.

Os dois protagonistas contam com suas esposas como as vozes da razão. A gravidez da esposa de Tony é um elemento também de mobilização no drama. Os dois protagonistas possuem camadas que vão se revelando nos momentos oportunos, permitindo que nós nos afeiçoemos à jornada de ambos. Aos poucos se percebe que Tony e Yasser possuem mais semelhanças do que aparentavam. O roteiro também desenvolve aspectos bem interessantes nos discursos dos advogados, apontando para uma questão intergeracional.

O filme nos coloca frente a questões da transgeracionalidade. *O Insulto* reatualiza reações mais primitivas de dois indivíduos em dois lados sociais que apresentam nas suas personalidades sensações, sentimentos, crenças conscientes e inconscientes já concebidas por seus ancestrais e por outros próximos.

É inerente ao ser humano o enraizamento de sua individualidade – mas o universo em que vivemos é plural e comunitário.

Regina Celi Bastos Lima
reginacbl@hotmail.com

Referências

AB'SÁBER, T. A. M. Prefácio. In: SAFRA, G. *A po-ética na clínica contemporânea*. São Paulo: Idéias & Letras, 2004. (Coleção Psicanálise século I).

APOSTOLIDÉS, M. J. Manifesto (1996). Unabomber: a violência do impotente. In: DIAS, E. O. *Sobre a confiabilidade e outros estudos*. São Paulo: DWW Editorial, 2011.

COSTA, F. J. *O risco de cada um: e outros ensaios de psicanálise e cultura*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

DIAS, E. O. *Sobre a confiabilidade e outros estudos*. São Paulo: DWW Editorial, 2011.

FREUD, S. (1912). *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).

FREUD, S. (1939). *Moisés e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

FREUD, S. (1914). *Introdução ao narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, S. (1920). *Psicologia das massas e análise do eu*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 15).

FREUD, S. (1923). *O eu e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

GUERRA, V. A ética dos cuidados: o complexo arcaico e a estética da subjetivação. In: MARIN, I. K.; ARAGÃO, R. O. (Orgs.). *Do que fala o corpo do bebê*. São Paulo: Escuta, 2013.

KACZYNSKI, T. Manifesto (1995). Unabomber: a violência do impotente. In: DIAS, E. O. *Sobre a confiabilidade e outros estudos*. São Paulo: DWW Editorial, 2011.

KEHL, M. R. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. (Coleção clínica psicanalítica).

OZ, Amós. *Como curar um fanático: Israel e Palestina: entre o certo e o certo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SAFRA, G. *A po-ética na clínica contemporânea*. São Paulo: Idéias & Letras, 2004. (Coleção Psicanálise século I).